

A dimensão avaliativa envolvendo a construção com o marcador discursivo *veja bem* na fala opinativa – uma proposta de interface gramática e interação

Lauriê Ferreira MARTINS¹
Amitza Torres VIEIRA²

Resumo: O presente artigo tem como objetivo investigar a realização da avaliação em torno da construção com o marcador discursivo **veja bem**, evidenciando como esta atua no contexto de fala opinativa. Dessa maneira, tomaremos os pressupostos teóricos das abordagens funcionalista (HOPPER, 1987; GOLDBERG, 1995, 2006; CROFT, 2001; CROFT & CRUSE, 2004; GONÇALVES, LIMA-HERNANDES & CASSEB-GALVÃO, 2007; TRAUGOTT, 2008, 2009; WALTEREIT, 2011) e interacional (GOFFMAN, 2002 [1979], 2002 [1981]; SCHIFFRIN, 1987, 1990; GILLE, 2001; VIEIRA, 2007), de forma a evidenciar que a associação entre elas pode auxiliar na compreensão de construções linguísticas que subjazem à interação comunicativa. Para a análise qualitativa dos dados, utilizaremos três *corpora* distintos representativos da modalidade oral da língua: o *corpus* do "Projeto Mineirês: a construção de um dialeto", o *corpus* do projeto "PEUL – Programa de Estudos sobre o Uso da Língua" e o *corpus* do projeto "NURC/RJ – Projeto da Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro". Os resultados apontam que o contexto de sustentação de opinião parece ser o local privilegiado para a ocorrência da construção com o MD **veja bem**, a qual articula tanto função textual quanto função interacional.

Palavras-chave: Avaliação; Opinião; Marcador discursivo **veja bem**.

Abstract: This paper intends to analyze the evaluation around the discourse marker **veja bem**, showing how it operates in the context of opinion. Thus, we use the theoretical assumptions of functionalist (HOPPER, 1987; GOLDBERG, 1995, 2006; CROFT, 2001; CROFT & CRUSE, 2004; GONÇALVES, LIMA-HERNANDES & CASSEB-GALVÃO, 2007; TRAUGOTT, 2008, 2009; WALTEREIT, 2011) and interacional (GOFFMAN, 2002 [1979], 2002 [1981]; SCHIFFRIN, 1987, 1990; GILLE, 2001; VIEIRA, 2007) approaches, in order to show that the association between them may help understanding of linguistic constructions that underlie communicative interaction. For the analysis of data, we use three different *corpora* that are representative of oral language: the *corpus* of do "Projeto Mineirês: a construção de um dialeto", the *corpus* of the project "PEUL – Programa de Estudos sobre o Uso da Língua" and the *corpus* of the project "NURC /RJ – Projeto da Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro". The results show that the context of support of opinion seems to be the privileged place for the occurrence of the construction with the DM **veja bem**, which articulates both textual function as interacional function.

Keywords: Evaluation; Opinion; Discourse marker **veja bem**.

1 Mestre em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora-MG. Correio eletrônico: lauriefm@hotmail.com

2 Doutora em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da PUC-Rio. Professora do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora-MG. Correio eletrônico: amitzatv@yahoo.com.br.

Introdução

O presente artigo tem como objetos de estudo a construção com o marcador discursivo (doravante, também, MD) **veja bem** – sob o enfoque da gramática – e os movimentos argumentativos de sustentação e de avaliação em fala opinativa – sob o enfoque da interação. A partir dos pressupostos teóricos da abordagem funcionalista (HOPPER, 1987; GOLDBERG, 1995, 2006; CROFT, 2001; CROFT & CRUSE, 2004; GONÇALVES, LIMA-HERNANDES & CASSEB-GALVÃO, 2007; TRAUGOTT, 2008, 2009; WALTEREIT, 2011) e da abordagem interacional (GOFFMAN, 2002 [1979], 2002 [1981]; SCHIFFRIN, 1987, 1990; GILLE, 2001; VIEIRA, 2007), nossos objetivos são (i) aliar, ainda que de forma preliminar, duas perspectivas distintas, de maneira a evidenciar que a associação entre elas pode auxiliar na compreensão de construções linguísticas que subjazem à interação comunicativa e (ii) investigar a realização da avaliação em torno da construção com o MD **veja bem**, evidenciando como esta atua no contexto de fala opinativa.

Considerando-se que a gramática tem suas motivações nas necessidades comunicativas dos participantes no momento da interação, nossa proposta de interface constitui uma vertente promissora aos estudos linguísticos. Ainda que distintas, as abordagens funcionalista e interacional focalizam a língua em uso, preocupando-se em compreender as unidades linguísticas e as suas funções no contexto social. Da mesma maneira, com este trabalho, pretendemos entender a construção com o MD **veja bem**, bem como as suas funções no contexto de avaliação em fala opinativa.

Para uma análise qualitativa dos dados, adotamos, assim, uma abordagem sincrônica, a partir de amostras representativas que recobrem a modalidade oral do português brasileiro, contidas em três *corpora* distintos, a saber: o *corpus* do “Projeto Mineirês: a construção de um dialeto”³, o *corpus* do projeto “PEUL – Programa de Estudos sobre o Uso da Língua”⁴ e o *corpus* do projeto “NURC /RJ – Projeto da Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro”⁵.

Primeiramente, discutiremos acerca da interface gramática

3 Disponível em <http://www.lettras.ufmg.br/mineires/>. Acesso em 15 de mar. de 2012.

4 Disponível em <http://www.lettras.ufrj.br/peul/amostras%201.html>. Acesso em 15 de mar. de 2013.

5 Disponível em <http://www.lettras.ufrj.br/nurc-rj/>. Acesso em 15 de mar. de 2012.

e interação, a partir de pressupostos teóricos das abordagens funcionalista e interacional, para a investigação da realização da avaliação em construções com o MD **veja bem** na fala opinativa. Em seguida, trataremos da metodologia que fundamenta nossa pesquisa, destacando, em especial, as unidades de análise adotadas – a construção com o MD **veja bem** e os movimentos argumentativos (doravante, também, MAs) propostos por Gille (2001) e Vieira (2007). Por fim, realizaremos a análise dos dados e apresentaremos nossas considerações finais.

A interface gramática e interação

Nos últimos anos, como apontam Dias, Vieira e Ferreira (2008), tem aumentado o interesse de pesquisadores pela investigação dos fenômenos linguísticos a partir da associação entre gramática e interação. Os próprios autores propõem um estudo acerca das cláusulas de finalidade e das construções apositivas na sustentação do ponto de vista em uma audiência de conciliação. Entretanto, tal interface constitui, ainda, um campo vasto e não totalmente explorado pelos estudiosos da língua.

Embora constituam perspectivas distintas, cada qual com seus pressupostos teóricos e metodológicos particulares, tanto a abordagem funcionalista quanto a abordagem interacional focalizam a língua em uso, ou seja, estão interessadas na investigação dos padrões linguísticos e discursivos que emergem das necessidades comunicativas, mais especificamente, da negociação de sentido entre falante e ouvinte no momento da interação.

Teorias funcionalistas têm assumido uma forte ligação entre gramática e discurso. Hopper (1987), por exemplo, propõe a noção de **gramática emergente**. Para o autor, a gramática não constitui um produto acabado, mas, sim, em constante (trans)formação. Segundo Gonçalves, Lima-Hernandes e Casseb-Galvão (2007, p. 15), Hopper (1987)

entende a gramática das línguas como constituída de partes cujo estatuto vai sendo constantemente negociado na fala, não podendo em princípio ser separado das estratégias de construção do discurso. Subjazem a esse entendimento uma concepção de língua como atividade no tempo real e a postulação de que a rigor, não há gramática como produto acabado, mas sim em constante gramaticalização.

Associada à relação entre gramática e discurso está a ideia de construção. Waltereit (2011) defende que gramática e discurso, pensados a partir da noção de construção, constituem fins opostos de um *continuum* definido por uma esquematização crescente. Desse modo, construções altamente esquemáticas e abstratas estariam no final do *continuum* da gramática e os construtos mais afastados das construções estariam no início do *continuum* discursivo – **discurso > gramática**.

Traugott (2008) define construção, a partir de Goldberg (1995, 2006), Croft (2001), Croft e Cruse (2004), como unidades básicas da língua, com forma e sentido não alcançados apenas pelos elementos individuais que a compõem. De acordo com a autora, os itens lexicais têm significados relativamente indeterminados, adquirindo sentidos a partir de uma construção, a qual conduz a interpretações. Nesse sentido, qualquer elemento linguístico pode ser considerado uma construção (desde morfemas a períodos compostos).

Nesse contexto funcionalista, a gramática da língua é entendida, então, como um conjunto de redes construcionais – mais ou menos esquemáticas e mais ou menos flexíveis estruturalmente – que organizam a (ou são organizadas pela) interação comunicativa (TRAUGOTT, 2008, 2009). Desse modo, consideramos que a construção com o MD **veja bem** emerge das necessidades comunicativas dos falantes e é incorporada à gramática da língua, haja vista que articula esquemas abstratos gerais, bem como é por eles afetada.

Entendemos, portanto, que o estudo da avaliação na construção com o MD **veja bem** na fala opinativa constitui uma importante vertente de investigação, uma vez que aponta padrões linguístico-discursivos que emergem em contextos específicos de interação comunicativa, auxiliando na compreensão de como a avaliação integra a construção em sequências argumentativas.

Como apontado por Vieira (2007), a avaliação, que tem sido frequentemente investigada nos estudos acerca das narrativas, está também presente nos estudos sobre a argumentação, ainda que indiretamente, na própria definição de **ponto de vista** – considerado por Schiffrin (1990) como a expressão da opinião. A esse respeito, Vieira (2007, p. 10) afirma o seguinte:

Ora, se a opinião tem sido tradicionalmente entendida como

um mecanismo interno e subjetivo – chamado algumas vezes *atitude* (EISER & VAN DER PLIGHT, 1988) – então, o ponto de vista que está sendo defendido encontra-se de alguma forma relacionado à subjetividade daquele que está argumentando (VIEIRA, 2007, p. 10).

Schiffrin (1987) associa a argumentação à avaliação, quando define a **posição**, uma das três partes⁶ que compõem a argumentação. A posição, segundo a autora, que diz respeito ao ponto de vista defendido pelo falante, é constituída pela **ideia** (conteúdo proposicional) e pelo **compromisso** (alinhamento). Vieira (2007) assegura que o alinhamento pode ser entendido, a partir de Goffman (2002 [1981]), como a postura assumida pelo falante ao apresentar sua opinião em relação ao conteúdo proposicional e, também às relações interpessoais no momento da interação. Segundo Vieira (2007, p. 107),

[...] podemos compreender que o *alinhamento* (GOFFMAN, 1981) adotado pelo falante está relacionado ao *compromisso* (SCHIFFRIN, 1987), pois o papel que se assume é uma forma de comprometimento, já que os locutores podem distanciar-se do que é dito, apenas animando a fala de outrem, ou alinhar-se à própria fala, assumindo autoria e/ou responsabilidade sobre suas elocuições. Em outros termos, através da maneira como o locutor escolhe opinar podemos perceber um maior ou menor grau de compromisso com relação à opinião (VIEIRA, 2007, p. 107).

Além da posição, na argumentação, há, ainda, a **disputa** e a **sustentação** (SCHIFFRIN, 1987). Enquanto a disputa consiste em um desacordo em relação a uma posição ou a sua sustentação, a sustentação diz respeito ao apoio às posições em disputa. Schiffrin (1987) sugere, dessa maneira, que, na argumentação, há a divergência de posições.

Entretanto, Schiffrin (1990) revê a definição dada por Schiffrin (1987) à argumentação e propõe que a atividade argumentativa pode ser motivada por outros fatores que não a resolução de desacordos ou a negociação. Dessa maneira, ao definir a opinião como sendo uma “posição avaliativa interna de um indivíduo sobre uma circunstância” (SCHIFFRIN, 1990, p. 244), a autora aponta a dimensão avaliativa da argumentação na fala opinativa.

Schiffrin (1990) distingue, dessa forma, dois tipos de argumentações, a saber: argumentações passíveis de verificação (posições), cujo caráter tende a ser mais objetivo, e argumentações

⁶ Além da **posição**, a argumentação também é composta pela **disputa** e pela **sustentação**, as quais serão abordadas a seguir.

subjetivas (opiniões ou posições avaliativas), que são relacionadas a crenças e valores, implicando, assim, incerteza acerca das circunstâncias.

A partir das importantes considerações de Schiffrin (1990) acerca do tratamento da avaliação em sequências argumentativas de fala opinativa, destacamos aqui o trabalho fundamental de Vieira (2007) que associa argumentação e avaliação no discurso de opinião – estudo que norteia e embasa o presente artigo.

Vieira (2007) investigou como a avaliação se manifesta em sequências argumentativas na fala opinativa de profissionais de uma empresa em processo de mudança. A autora identificou a seguinte regularidade em seus dados: “a avaliação ocorre como uma coda (CODA) que expressa a atitude do falante, tal como nas narrativas” (VIEIRA, 2007, p. 145). A coda realiza-se, no *corpus* de Vieira (2007), não apenas no fechamento de sequências argumentativas (estrutura maior), mas funciona, também, como uma conclusão da sequência precedente e como uma opinião que abre a sequência posterior (fechando cada parte dessa estrutura). Vieira (2007) identificou, ainda, que a avaliação, além de ocorrer como coda argumentativa, pode emergir encaixada em outro constituinte (AVAL), de maneira a modalizar a força das **unidades de construção de turno** (SACKS, SCHEGLOFF & JEFFERSON, 1974) que o antecedem. Segundo a autora, enquanto a avaliação encaixada é sinalizada por pistas linguísticas explícitas de subjetividade, a avaliação como coda pode ser manifestada seja por pistas de subjetividade seja através de um processo inferencial.

A análise de Vieira (2007) evidencia que a avaliação encaixada pode atuar em MAs tanto de opinião quanto de sustentação. Nas opiniões simples, de acordo com a autora, a avaliação é, normalmente, sinalizada por marcas linguísticas, paralinguísticas, pela forma **eu acho X** (em que X pode ser uma oração introduzida pelo conectivo **que** ou por meio de **pequena cláusula avaliativa**⁷) ou, ainda, por traços inferenciais de subjetividade. Já nas opiniões complexas a avaliação pode se manifestar de duas formas, pela alternância de papéis de autor e animador (GOFFMAN, 2002 [1979])⁸ ou pela modificação da força de

7 De acordo com Vieira (2007), **pequenas cláusulas** são construções apositivas que, normalmente, se realizam através de verbo de ligação mais adjetivo avaliativo ou, apenas, através de substantivo ou adjetivo avaliativo.

8 De acordo com Vieira (2007, p. 146), “a avaliação encontra-se intrínseca à opinião, não havendo necessidade de expressões avaliativas pelo fato de a própria mudança em *footing* (GOFFMAN, 1981) efetuada no interior da opinião ser avaliativa”.

proposição via modalização do que é dito (GUMPERZ, 2002 [1982])⁹.

Quanto à avaliação encaixada na sustentação, Vieira (2007) aponta que esta pode ser marcada por pistas linguísticas de subjetividade (como intensificadores, modalidade deôntica, reformulação da fala, etc) ou pode ser percebida através de um processo inferencial. Segundo a autora, embora a justificação e as "evidências" possam ser formatadas a partir de fatos objetivos (constituem argumentos racionais ou "evidências" sem nenhum traço de subjetividade), estes, muitas vezes, só podem ser entendidos como avaliação mediante um processo inferencial. Vieira (2007) identifica, também, a avaliação na sustentação através de **narrativas factivas, hipotéticas e fictivas** (OLIVEIRA, BASTOS & PEREIRA, 2007), as quais podem ser apresentadas como fatos objetivos com marcas de subjetividade ou formatadas inferencialmente por meio de fatos objetivos.

Portanto, Vieira (2007, p. 151), defende que "a dimensão avaliativa encontra-se completamente imbricada na argumentação em discurso de opinião", seja na posição, seja na sustentação, marcada por expressões de subjetividade ou formatada mediante um processo inferencial que emerge da apresentação de fatos objetivos.

Pressupostos metodológicos

Tratamento dos dados

Nossa metodologia consta de uma análise qualitativa das ocorrências encontradas, uma vez que nosso objetivo é explicar como a avaliação se manifesta na argumentação da fala opinativa.

Para a constituição do nosso *corpus* sincrônico, utilizaremos entrevistas sociolinguísticas que compõem três *corpora* distintos, a saber, o *corpus* do "Projeto Mineirês: a construção de um dialeto", o *corpus* do projeto "PEUL – Programa de Estudos sobre o Uso da Língua" e o *corpus* do projeto "NURC /RJ – Projeto da Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro". O "Projeto Mineirês: a construção de um dialeto" é coordenado pela professora Jânia Ramos, na Universidade Federal de Minas Gerais. Tal projeto consiste na descrição de dialetos das cidades de Belo Horizonte, Arceburgo, Ouro Preto, Mariana, Piranga e São João

⁹ Vieira (2007, p.146-147) destaca que "a avaliação não é sinalizada pelo jogo de papéis, mas pela modificação de força manifesta através de *pistas de contextualização* (GUMPERZ, 2002 [1982]) que direcionam a opinião para o negativo".

da Ponte. As entrevistas que integram o *corpus* são datadas do início do século XXI. Quanto ao projeto “PEUL – Programa de Estudos sobre o Uso da Língua”, este é destinado ao estudo da variação e da mudança linguística nas modalidades oral e escrita do dialeto do Rio de Janeiro. Os pesquisadores que compõem o projeto são, em sua maioria, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, e se dedicam a analisar o uso efetivo da língua e sua relação com aspectos sociais, estruturais e funcionais. Já o projeto “NURC /RJ – Projeto da Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro” é coordenado pela professora Dinah Maria Isensee Callou. Este dispõe de entrevistas sociolinguísticas, realizadas nas décadas de setenta, oitenta e noventa, com informantes cariocas cultos. A seguir, apresentamos um quadro para melhor visualização da constituição de nossa amostra representativa.

CORPUS	DESCRIÇÃO DO CORPUS	NÚMERO DE PALAVRAS
Projeto Mineirês: a construção de um dialeto	Projeto coordenado pela Professora Jânia Ramos na UFMG.	300.000 palavras
PEUL – Programa de Estudos sobre o uso da língua	Projeto coordenado por professores e pesquisadores na UFRJ.	300.000 palavras
NURC /RJ – Projeto da Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro	Projeto é coordenado pela professora Dinah Maria Isensee Callou na UFRJ.	300.000 palavras
Total		900.000 palavras

Quadro 1 – Corpora analisados

Adotamos, para tanto, o método da seleção aleatória¹⁰ das entrevistas, todas datadas dos séculos XX e XXI, tendo como critério básico o recorte de mesmo número de palavras em cada um dos *corpora*.

Depois de selecionadas as entrevistas, realizamos o levantamento de todas as ocorrências com a construção com o MD **veja bem** na fala do informante ou entrevistado¹¹. Em seguida, analisamos cada movimento argumentativo envolvido na construção com o marcador, de modo a identificar em que contexto **veja bem** estaria ocorrendo.

Os participantes que compõem a amostra são do sexo feminino ou masculino e são distribuídos em diferentes faixas etárias (de 5

10 De acordo com Guy e Zilles (2007, p. 22), “uma das melhores maneiras de garantir a representatividade é usar uma amostra aleatória, construída de maneira a dar, a cada informante ou dado potencial existente na população total igual probabilidade de serem incluídos na amostra”.

11 Utilizaremos **E** para representar o entrevistador e **F** para representar o informante.

anos a 85 anos). Os tópicos discursivos também são variados. Dessa maneira, em nossa análise, identificaremos o participante, bem como o tópico discursivo, envolvidos em cada ocorrência.

Unidades de análise

As unidades de análise adotadas no presente artigo são a construção com o MD **veja bem** em sequências argumentativas e os movimentos argumentativos (MAs).

Os marcadores discursivos são elementos do âmbito discursivo (i) que podem ser constituídos por elementos de diferentes classes gramaticais (o MD **veja bem**, por exemplo, deriva-se de uma categoria verbal), (ii) que operam de maneira independente da sintaxe da oração, (iii) que funcionam tanto na organização do discurso (marcadores interacionais), quanto na organização textual (marcadores textuais), (iv) que são distribuídos no início, no meio ou no final da unidade de análise (CASTILHO, 2009; MARCUSCHI, 1989).

Diversos estudos sobre marcadores discursivos têm sido realizados mediante diferentes abordagens linguísticas. Destacamos, aqui, brevemente, os trabalhos clássicos de Schiffrin (1987), Marcuschi (1989) e Risso, Silva e Urbano (2006)¹².

Schiffrin (1987) produz um dos trabalhos mais extensos na literatura sobre os seguintes MDs, em inglês: *oh, well, and, but, or, so, because, now, then, I mean* e *y'know*. Seu objetivo é compreender como esses elementos integram um modelo de coerência discursiva para que funções específicas sejam cumpridas. Já Marcuschi (1989) desenvolveu o primeiro estudo mais extenso sobre os marcadores conversacionais (MCs) – denominação utilizada pelo autor em lugar de marcadores discursivos – no português falado no Brasil. Em seu trabalho, o autor realiza uma análise sistemática de formas, posições e funções de diversos MCs. Risso, Silva e Urbano (2006), ainda, estabelecem, a partir da abordagem da Gramática Textual-Interativa¹³, traços básicos

¹² Apresentamos, brevemente, os estudos dos autores. Para maiores detalhes, ver Schiffrin (1987), Marcuschi (1989) e Risso, Silva e Urbano (2006).

¹³ A abordagem da Gramática Textual-Interativa é resultante da fusão de três diferentes abordagens: Linguística Textual, Pragmática e Análise da Conversação. A Gramática Textual-Interativa concebe a língua como a manifestação da competência comunicativa, uma vez que se preocupa com o funcionamento da língua em uso. Dessa maneira, toma o texto como objeto de estudo, a partir do qual são apreendidas regularidades das estratégias de construção textual, de estruturação textual e de suas correspondentes funções textual-interativas (JUBRAN, 2006; GUERRA, 2007).

que identificam o estatuto dos MDs, visto que uma grande variedade de elementos tem sido enquadrada nesse categoria de palavras. Dessa maneira, os autores realizam um levantamento denso de itens que têm sido apontados como marcadores discursivos, entre eles vocativos, interjeições, modalizadores, operadores argumentativos, advérbios e conjunções.

Do estudo de Schiffrin (1987), destacamos a importante contribuição da fixação da terminologia marcadores discursivos e da definição desses elementos como uma categoria de palavras. Acerca do trabalho de Marcuschi (1989), evidenciamos, entre outras contribuições, a divisão formal dos MCs em marcadores verbais e marcadores prosódicos. No que diz respeito aos marcadores verbais, o autor propõe, também, sua subdivisão em marcadores simples, compostos e oracionais. Por fim, do trabalho de Risso, Silva e Urbano (2006), destacamos a fundamental importância da definição dos MDs como elementos de alta frequência, exteriores ao conteúdo proposicional, de transparência semântica parcial, sintaticamente independentes, com pauta demarcativa, comunicativamente não-autônomos e com até três sílabas tônicas.

É nesse contexto que, no presente trabalho, trataremos da construção com o MD composto **veja bem**, que tem caráter sintagmático e é formada por um verbo de percepção visual (**ver**) e um advérbio de intensidade (**bem**). A definição de construção que estamos utilizando é a de Traugott (2008), a partir de Goldberg (1995, 2006), Croft (2001), Croft e Cruse (2004): unidade básica da língua, com forma e sentido não alcançados apenas pelos elementos individuais que a compõem.

Ver é um **verbo perceptivo** que tem por característica a expressão da percepção sensorial desempenhada pelos órgãos dos sentidos, sendo este seu sentido mais concreto ou [- subjetivo]. Além de percepção sensorial, em muitos contextos, tal verbo desenvolve, a partir de uma projeção metafórica (expansão de sentido), a função de expressão da percepção cognitiva, sendo esta nova função constituída por um sentido mais abstrato dos verbos ou [+ subjetivo] (MATOS, 2012). Em **veja bem** – MD derivado do verbo **ver** –, cuja configuração construcional realiza-se na forma imperativa, acreditamos que ocorra uma mescla de sentidos, uma vez que é possível verificar, além de vestígios do sentido original e mais concreto, também o sentido mais

abstrato, o que significa dizer que a origem semântico-pragmática pode ser recuperada. Assumimos ainda, neste trabalho, a multifuncionalidade do MD **veja bem**, uma vez que consideramos que, além de atuar na **chamada de atenção do ouvinte** (ROST-SNICHELOTTO, 2009), ele auxilia, também, na sequencialidade do texto, ou seja, opera simultaneamente com função interacional, sinalizando maior envolvimento do falante com seu interlocutor, e textual, compondo a argumentação na fala opinativa.

Uma vez que pretendemos investigar como a avaliação se realiza na construção com o MD **veja bem** na fala opinativa e evidenciar como esta atua no contexto de sustentação na sequência argumentativa, outra unidade de análise que adotamos são as seguintes categorias de MAs:

- (i) APOI: movimento de apoiar, sustentar uma opinião (pró-argumentando) (GILLE, 2001; VIEIRA, 2007).
- (ii) AVAL: movimento de avaliar uma opinião ou uma sustentação (VIEIRA, 2007).

Não serão utilizadas todas as categorias apontadas por Gille (2001) e Vieira (2007), por estarmos verificando, apenas, os movimentos argumentativos que ocorrem em torno da construção com o MD **veja bem**.

A dimensão avaliativa na sustentação com a construção com o MD *veja bem*

A sustentação, segundo Vieira (2007), constitui a argumentação propriamente dita, ou seja, é nesse componente que são apresentadas as provas (fatos objetivos) para fundamentar as opiniões. Entretanto, de acordo com a autora, embora os argumentos racionais ou fatos sejam apresentados, muitas vezes, sem nenhum traço de subjetividade, eles são capazes de nos fazer inferir os valores sociais avaliados pelo falante. Desse modo, tais argumentos se relacionam à subjetividade do indivíduo que está sustentando sua opinião.

A sustentação nas sequências argumentativas que compreendem a construção com o MD **veja bem** que investigamos é expressa por

MAs de APOI por “evidências”¹⁴ e por justificação.

As “evidências”, de acordo com Viera (2007), constituem sustentações à opinião do falante, as quais podem realizar-se através de “**evidência**” **formal**, de **fato** ou de **narrativa**. A “evidência” formal é sinalizada pelo silogismo clássico de premissa e conclusão **se F, então P** (TOULMIN, 1958); o fato é um exemplo representativo de uma determinada situação; e a narrativa é um exemplo entremeado de descrições e, às vezes, marcado pelo discurso reportado.

A partir de Oliveira, Bastos e Pereira (2007), Vieira (2007) distingue entre **narrativa factiva**, **narrativa fictiva** e **narrativa hipotética**. A narrativa factiva é aquela cujos fatos são localizados em um tempo determinado. Denomina-se narrativa fictiva aquela cujos fatos não podem ser localizados em um tempo determinado, mas, sim, cujos fatos se repetem, constituindo exemplos de ações rotineiras no contexto. Já a narrativa hipotética refere-se a uma realidade cuja existência é uma criação para fundamentar uma opinião.

Quanto à justificação, esta consiste no movimento argumentativo – geralmente, introduzido pelos conectivos causais **porque** ou **que**, explícitos ou implícitos no texto – através do qual os fatos objetivos são apresentados, a fim de equilibrarem a subjetividade da opinião do falante (VIEIRA, 2007).

Em nossos dados com a construção **veja bem**, temos (i) a narrativa fictiva e fato compondo a sustentação por “evidência” e (ii) o fato, a narrativa factiva e a “evidência” formal operando dentro do movimento de sustentação por justificação.

“Evidência”

A sustentação por “evidência” aparece em nossos dados realizando-se através de narrativa fictiva e fato, como veremos nos exemplos que se seguem.

No exemplo (1) abaixo, o MA de sustentação por “evidência” se dá mediante uma narrativa fictiva:

- (1) E: Você prefere mais sê profissional liberal... as diferenças entre...[profissional liberal e funcionário público?]
F: [Acho que aqui fora é melhor pra se trabalhá] do que

14 Optamos por utilizar a expressão “evidências” entre aspas, assim como faz Vieira (2007) em virtude de muitas dessas evidências não poderem ser comprovadas empiricamente.

funcionário público, funcionário público tem que mandá. **Veja bem** meu caso, na área de educação, chega um professorzinho lá, pensa que é dono da Universidade, acha que estar do reitor ou de qualquer coisa, então só por isso a gente tem que obedecê, ele acha que ele manda, tem podê, quer menosprezá, existe isso lá dentro, é normal até. Lá eles fazem pesquisa, ganham dinheiro, aquele dinheiro, até eles trabalham da forma que eles tão querendo, eles não passa pela, por exemplo, eu que já trabalhei, não passava na mão do... do... da Universidade, e eles faziam, gastavam como [queriam.] Cê acha que gastavam tudo na pesquisa? (Corpus Sincrônico "PEUL", entrevista R09)

Em (1), o entrevistado – homem de 47 anos, morador do Rio de Janeiro – é questionado se prefere ser profissional liberal ou funcionário público. Após opinar que é melhor ser profissional liberal, ele apresenta sua sustentação por justificação, em que o conectivo **porque** está implícito no texto, como podemos verificar em "*funcionário público tem que mandá*".

A construção com o MD **veja bem** encontra-se depois da justificação, iniciando uma "evidência" por narrativa fictiva, exercendo, desse modo, sua função de orientação para a organização do texto: "**Veja bem** meu caso, na área de educação, chega um professorzinho lá, pensa que é dono da Universidade, acha que estar do reitor ou de qualquer coisa, então só por isso a gente tem que obedecê, ele acha que ele manda, tem podê, quer menosprezá, existe isso lá dentro, é normal até (...)" . Ainda, a construção com o MD chama a atenção do ouvinte para a avaliação negativa do falante em relação à situação de que, às vezes, professores da Universidade em que trabalha têm o hábito de mandarem em outros profissionais que atuam em outras áreas na instituição, bem como de menosprezá-los. Tal avaliação pode ser percebida, dentre outras pistas linguísticas, pela expressão "*professorzinho*", cujo diminutivo na palavra tem sentido pejorativo.

Portanto, a avaliação está encaixada dentro da sustentação por "evidência", a qual atua para fundamentar tanto a opinião do entrevistado, de que é melhor ser profissional liberal, quanto a avaliação negativa projetada através da narrativa fictiva.

No exemplo (2), a sustentação por "evidência" também se realiza através de narrativa fictiva:

(2) F: É... então agora elas fazem um... um trabalho fora da alçada delas e... e... são pessoas intelectuais... eu acho que... aproxima... que reaproxima () entre o trabalho intelectual e

o trabalho braçal... isso está havendo uma... um... excesso talvez... seja... aí um pouco retrógrado... pode ser até... mas eu acho que está aí havendo uma... um excesso... um excesso pra... tanto lugar... trabalho técnico... não é do intelectual... mas está nos (falando)... em... em... nessas barraquinhas né... e **veja bem**... eu às vezes gosto de parar e conversar... e eu... já vi muita gente formada... eles falando... (não estou bem) e então eu pergunto... eu pergunto... você tem um curso... superior? Ah... eu sou advogado... eu sou engenheiro... eu sou... não sei o quê... a mesma coisa com os motoristas de táxi... o... por força de saúde... eu trabalhonessas obras filantrópicas... eu resolvi ir de táxi... e então... eu converso com eles... principalmente as pessoas assim mais jovens... eu procuro ver... porque que eles estão ali naquela função... e realmente eu fico muito admirada... porque é um número muito grande de pessoas universitárias... com nível universitário... tem muita gente com nível universitário... e estão no táxi... tem muita gente que... ah... eu fui mandada embora... eu perdi o emprego... e então... eu resolvi pegar o táxi () de um parente... de um não sei quem... um amigo... e estou fazendo isso... e eu digo assim... você está gostando disso? olha... está melhor do que estava... isso eu estou ouvindo constantemente... (Corpus Sincrônico "NURC/RJ", entrevista 6)

No exemplo (2) acima, a entrevistada – senhora de 76 anos, moradora do Rio de Janeiro – opina acerca da situação de pessoas intelectuais estarem exercendo outro tipo de trabalho que não o de sua formação acadêmica, julgando estar havendo um processo “*retrógrado*”, no sentido de que trabalhos comuns têm sido mais valorizados hoje em dia.

Ela fundamenta sua opinião através da sustentação por “evidência”, que é iniciada pela construção com o MD **veja bem** e realizada através de narrativa fictiva. Além de iniciar uma narrativa, cumprindo sua função textual, o marcador também chama a atenção do ouvinte para as avaliações negativa e positiva que a senhora dá à situação. Ela avalia negativamente o fato de as pessoas com formação acadêmica não conseguirem sucesso com o seu trabalho, como é possível evidenciarmos no fragmento “*e eu... já vi muita gente formada... eles falando... (não estou bem)*”. Positivamente, ela avalia a situação satisfatória de pessoas que executam um trabalho comum, como, por exemplo, o de taxista, como podemos evidenciar no discurso reportado de uma pessoa com quem ela conversou: “*está melhor do que estava*”.

A avaliação, desse modo, está encaixada dentro da “evidência”

por narrativa fictiva, a qual é iniciada pela construção com o MD **veja bem** e sustenta tanto a opinião da senhora, de que tem havido uma inversão de valores na sociedade quanto ao tipo de trabalho executado, como as avaliações negativa e positiva projetadas através da narrativa.

No exemplo (3) abaixo, a sustentação por “evidência” realiza-se através de fato, mais precisamente, de dado histórico:

(3) E: O que faltaria no Brasil seria vontade dos políticos novamente...

F: E, e do povo também, a gente não pode jogar nunca a culpa toda nos outros... porque quem é eleito é votado por alguém...

E: Pelo menos agora, na década de noventa, né? Democracia...

F: É, não quer dizer, é não, **veja bem**, a década de oitenta já havia...

E: Isso é a década de oitenta ...

F: Em oitenta começou, e antes disso houve período de votação, quer dizer, o, claro antes da revolução de trinta o povo não tinha muita condição, porque as eleições eram muito fraudadas... mas de lá pra cá, tem, agora a informação, embora ela seja às vezes falseada, mas ela está, pelo menos nos grandes centros, a ... ao alcance de todo mundo, e, no entanto têm pessoas que você vê, chega, nas vésperas da eleição, o número de indecisos é enorme... (Corpus Sincrônico “NURC/RJ”, entrevista 8)

Em (3), a entrevistada – senhora de 79 anos, moradora do Rio de Janeiro – aceita a opinião do entrevistador de que o que falta no Brasil é vontade dos políticos, acrescentando que a culpa também é do povo. Ela fundamenta sua opinião através de uma sustentação por justificação, a qual é iniciada pelo conectivo causal **porque**, como podemos ver em “*porque quem é eleito é votado por alguém...*”.

Em seguida, a senhora refuta a opinião do entrevistador de que, pelo menos agora, na década de noventa¹⁵, a votação é democrática. E, então, contra-argumenta através da “evidência” por fato de que, na década de oitenta, as pessoas já votavam: “**veja bem**, a década de oitenta já havia...”.

A construção com o MD **veja bem** posiciona-se depois da refutação e em início de “evidência” por fato, orientando para a organização do texto. Além disso, o marcador também chama a atenção do ouvinte para a avaliação negativa do falante, de que o povo não tem votado conscientemente.

A avaliação está encaixada na sustentação por “evidência”, que é iniciada por **veja bem** e que opera tanto na sustentação da

¹⁵ Esta entrevista foi realizada no ano de 1998.

refutação, quanto na sustentação da opinião e da avaliação negativa da entrevistada.

Justificação

A sustentação por justificação aparece em nossos dados realizando-se através de fato, narrativa factiva e “evidência” formal ou silogismo clássico, como veremos nos exemplos que seguem.

No exemplo (4), temos o MA de sustentação por justificação se estabelecendo através de fato, ou seja, de exemplo típico ou representativo de determinada situação:

(4) E: E com relação ao que você falo sobre o fato dessas grandes empresas comprarem os times, o quê você acha disso?

F: Oh... isso daí ... é um negócio que eu sou totalmente contra. Porquê? Primeiro, **veja bem**: o futebol hoje ta em crise. Né? Hoje você... vê só pancada... cê num vê mais aqueles dribles sensacionais que eles davam antigamente. Então, eu acho que isso influencia muito a cabeça do jogador. Sabe? eles jogam por dinheiro. Sabe? eles querem revolucioná, querem ser patrocinado por grandes empresas, por marcas e ganhá... serem milionários e ganhá muito dinheiro. Acho que isso mexe com a cabeça do jogador, ele acaba num fazendo nada, ele acaba num jogano bola. Então eu acho que se acabasse com isso seria muito melhor. (Corpus Sincrônico “Mineirês”, entrevista Arceburgo 09)

No exemplo (4) acima, o entrevistado – menino de 15 anos, morador de Arceburgo, Minas Gerais –, questionado acerca de sua opinião sobre o fato de as grandes empresas comprarem os times de futebol, após opinar que é “*totalmente contra*”, apresenta sua sustentação por justificação, a qual é introduzida pelo conectivo causal **porque** e realizada mediante um fato (exemplo representativo da situação).

A construção com o MD **veja bem** encontra-se iniciando uma avaliação dentro da sustentação por justificação – orientando para o texto –, como podemos observar no fragmento “*Porquê? Primeiro, veja bem: o futebol hoje ta em crise. Né? Hoje você... vê só pancada... cê num vê mais aqueles dribles sensacionais que eles davam antigamente*”. O entrevistado, através do MD **veja bem**, chama a atenção do ouvinte para sua avaliação da situação analisada, a qual é apresentada de maneira explícita por meio de uma pequena cláusula

(*"o futebol hoje ta em crise"*), a fim de fazer com que ele concorde com seus argumentos – orientando para a interação. Ainda, podemos verificar uma avaliação negativa do falante dentro da justificação por fato, que diz que *"hoje você vê só pancada"* e não *"aqueles dribles sensacionais que eles davam antigamente"*, sugerindo, assim, que a situação de compra dos times não tem trazido bons resultados ao futebol.

Temos, portanto, que a avaliação encaixada dentro da sustentação por justificação é iniciada pela construção com o MD **veja bem**, a qual exerce simultaneamente função textual e função interacional. Desse modo, a justificação atua tanto para sustentar a opinião do entrevistado, de que é *"totalmente contra"* o fato de as empresas comprarem os times de futebol, quanto para sustentar a avaliação explícita do falante, de que *"o futebol hoje ta em crise"* e a avaliação detectada na exposição do fato, de que a compra dos times não tem acarretado consequências positivas para o futebol.

No exemplo (5), temos a justificação realizando-se através de uma narrativa factiva:

(5) F: É, piscina, ginástica agora isso daí que agora tá em moda né, que tá na moda, né, ficar frequentando academia, Equipe 1, não sei o quê, e tal, são mais preguiçosos, só gostam disso.
E: [?]
F: É, não, porque **veja bem**, na época em que eu era jovem, lá em casa nós praticávamos esporte mesmo, [?], jogar, minha irmã jogava, voleibol, eu jogava futebol, basquete, vôlei. Agora, as minhas filhas já são mais preguiçosas. Gostam, muito, de uma piscinazinha, dar uma nadada, ou então malhar numa academia. (Corpus Sincrônico "NURC/RJ", entrevista 5)

No exemplo (5) acima, o entrevistado – homem de 59 anos, morador do Rio de Janeiro – opina sobre a tendência atual dos jovens em frequentarem academias, o que ele julga ser uma atividade típica de jovens preguiçosos. Na sequência, ele sustenta sua opinião a partir de uma justificação introduzida pelo conectivo **porque**. A sustentação por justificação realiza-se através de uma narrativa factiva, como observamos em *"porque veja bem, na época em que eu era jovem, lá em casa nós praticávamos esporte mesmo, [?], jogar, minha irmã jogava, voleibol, eu jogava futebol, basquete, vôlei"*.

A construção com o MD **veja bem** está inserida dentro de uma sustentação por justificação, iniciando a narrativa factiva – orientando para o texto – e atuando na chamada de atenção do ouvinte para

uma avaliação negativa implícita do entrevistado – orientando para a interação. Através da narrativa factiva, que se encontra dentro da justificação, o entrevistado avalia negativamente o fato de os jovens de hoje preferirem frequentar academias, haja vista que, em sua época, ele e sua irmã praticavam “*esporte mesmo*”, tais como voleibol, futebol e basquete, sugerindo que atividades em academia não são esporte.

Temos, nesse exemplo, novamente, a avaliação encaixada na sustentação por justificação, a qual é iniciada pela construção com o MD **veja bem** – multifuncional (ou seja, exerce função textual e função interacional). Nesse sentido, a justificação sustenta tanto a opinião do senhor, de que frequentar academias é para preguiçosos, quanto a sua avaliação negativa, de que atividades em academia não constituem esporte.

No exemplo (6), temos a justificação realizando-se através do silogismo clássico de premissa e conclusão, representado pela fórmula **se F então P**:

(6) E: e qual o meio que a senhora acha de transporte que seja o mais eficiente? e o quê a senhora acha também das passagens?

F: eficiente... acho o automóvel... mas aí fica aquela coisa... todos resolvem sair no mesmo tempo... que agora... muita... não sei talvez o preço da gasolina... né... houve épocas que foi bem reduzido o número de automóvel na rua... agora é... quase todo mundo tem automóvel... então... se utiliza muito deste meio né... deste veículo e... qual foi mesmo a outra pergunta? ah... as passagens... eh... está custando cinquenta e cinco centavos né? eu acho que poderia ter continuado cinquenta... não... não faria muita diferença não... acho que está puxado cinquenta e cinco...

E: ()

F: olha... economiza tempo né... economiza porque... é... isso aí acaba sendo também em dinheiro mas... eu acho que é mais o tempo... porque **veja bem**... se eu sair daqui em cinco minutinhos estourando uns dez minutos... eu estou na escola... se o trânsito estiver bom... e teve uma sexta-feira que eu saí daqui com qua/ mais de... duas horas quase pra chegar lá no Campinho... foi o dia pior que houve muita... muita retenção em Cascadura... tanto pra ida quanto pra volta... eu levei da minha escola... coisa que eu faço rapidinho... eu saí às cinco e quinze... sete horas eu estava lá em Cascadura em frente ao Subtenente da Aeronáutica ali né... Cascadura... coisa que eu faço em cinco e dez minutos... eu levei... eu cheguei em casa mais ou menos às sete horas nesse dia... saí às cinco e quinze da escola no Campinho e cheguei às sete em casa... quer dizer bem... bem retido () e na ida foi a mesma coisa... todas as vias ali estavam entupidas... foi a (Hernani) Cardoso... foi a... () viaduto de Cascadura... () de Mello... tudo aquilo ali

ficou entupido... mas entupido mesmo... numa sexta-feira... foi tremendo... pela primeira vez eu marquei uma reunião e não consegui chegar... não houve a reunião... eu atrapalhei a vida dos... dos dos pais que tinham ido pra reunião... mas eu não consegui chegar na escola... eram duas horas e eu não consegui chegar... só cheguei às três e pouco... (Corpus Sincrônico "NURC/RJ", entrevista 18)

No exemplo (6), a construção com o MD **veja bem** posiciona-se dentro da sustentação por justificação, que se inicia com o conectivo **porque**, como verificamos em "*porque veja bem... se eu sair daqui em cinco minutinhos estourando uns dez minutos... eu estou na escola... se o trânsito estiver bom...*". A entrevistada – mulher de 54 anos, moradora do Rio de Janeiro – sustenta por justificação sua opinião de que o automóvel é o transporte mais eficiente, pois economiza tempo. Nesse caso, temos a sustentação por justificação realizando-se pelo silogismo clássico, representado a seguir:

- i. Se eu sair daqui com o trânsito bom, então, em cinco minutinhos (estourando uns dez minutinhos), eu estou na escola.
- ii. O trânsito está bom.
- iii. Estou na escola em cinco minutinhos (estourando dez minutinhos).

A construção com o MD **veja bem** inicia o silogismo clássico, indexando sua função textual, ou seja, orientando o ouvinte para a organização do texto, bem como sinalizando a chamada de atenção do ouvinte para a avaliação presente no silogismo. É possível depreendermos que a entrevistada avalia positivamente o uso do automóvel em dia de trânsito bom, pois o tempo de deslocamento que ela diz gastar de sua casa até a escola é, relativamente, pequeno (aproximadamente, cinco ou dez minutos). Tal avaliação é verificada não só mediante uma inferência social, uma vez que cinco ou dez minutos de deslocamento no Rio de Janeiro significa algo positivo, mas também através de pistas linguísticas, como é o caso do uso de diminutivo em "*minutinhos*", dando uma ideia de pouco tempo.

Nesse uso da construção com o MD, no exemplo (6), temos a avaliação encaixada na sustentação por justificação, que se realiza via silogismo clássico. Tal silogismo é iniciado, então, por **veja bem**, que estabelece as funções textual e interacional. A justificação, portanto, sustenta a opinião da entrevistada, de que o automóvel é o meio de

transporte mais eficiente, bem como a avaliação positiva de que é satisfatório ir para o trabalho (escola) de carro em dia de trânsito bom, visto que leva poucos minutos para chegar a seu destino.

Observemos o exemplo (7), em que a sustentação por justificação realiza-se através de fato:

(7) E: E a senhora acha que o tipo de relevo de uma cidade pode influir, é, na vida emocional das pessoas?

F: Ah, com certeza, com certeza. Isso...porque, **veja bem**, uma coisa que eu acho que falta no Rio, desse tipo, Paris tem, Roma tem, que Florença tem é o rio, o rio grande passando pela cidade, porque isso sempre dá movimento, entendeu?_Dá um clima, isso, eu diria que é a única coisa que falta pra beleza do Rio,, é isso. E os poucos rios que havia aqui, nenhuma beleza, eram caudalosos, foram soterrados, não é isso? Assoreados, acabados. Mas... que o clima, eu acho que sim, tudo influi, nada é gratuito na vida. Eu, inclusive, sou espírita e acho que influi e vem influenciando. Eu acredito piamente que existe o carma e não é só pessoal não, o carma é pessoal, é familiar, é do bairro, é da cidade, é do país e é do planeta. A gente acredita que o planeta pode ... esse planeta, por exemplo, é considerado um planeta de expiação, mas que pode evoluir para um planeta de regeneração. Acredito que vá levar uns mil anos, do jeito que estão fazendo as coisas. (*Corpus Sincrônico "NURC/RJ"*, entrevista 8)

Em (7), a entrevistada – senhora de 79 anos, moradora do Rio de Janeiro –, questionada acerca de sua opinião sobre a possibilidade de o relevo da cidade influenciar na vida emocional das pessoas, sustenta sua resposta positiva (*"Ah, com certeza, com certeza"*) por justificação iniciada pelo conectivo causal **porque** e realizada através da exposição de um fato, como verificamos em *"porque, veja bem, uma coisa que eu acho que falta no Rio, desse tipo, Paris tem, Roma tem, que Florença tem é o rio, o rio grande passando pela cidade, porque isso sempre dá movimento, entendeu?"*.

A construção com o MD **veja bem**, posicionada dentro da sustentação por justificação, exerce sua função textual de iniciar a exposição do fato, bem como chama a atenção do ouvinte para a avaliação negativa, através da forma **eu acho que**, de que falta um rio passando pela cidade do Rio de Janeiro, e para a avaliação positiva de que os rios que passam por Paris, Roma e Florença são atrativos para as cidades (*"porque isso dá movimento"*).

Temos a avaliação encaixada dentro da sustentação por justificação, a qual é iniciada pela construção com **veja bem** –

orientando para o texto e para a interação. Portanto, a justificação é um movimento que apoia tanto a opinião da entrevistada, de que o relevo pode influenciar na vida das pessoas, quanto as avaliações positiva e negativa, relacionadas ao fato de o rio passar pela cidade.

Considerações finais

A presente investigação, que teve como objetos de pesquisa a construção com o MD **veja bem** – sob o enfoque da gramática – e os movimentos argumentativos de sustentação e de avaliação em fala opinativa – sob o enfoque da interação –, demonstrou, brevemente, como a abordagem funcional aliada à perspectiva interacional pode auxiliar na compreensão de itens linguísticos que subjazem à interação comunicativa. Isso porque, no contexto investigado, a sustentação de opinião parece ser o local privilegiado para a ocorrência da construção com o MD **veja bem**, a qual articula tanto função textual quanto função interacional. O fato de termos identificado, de maneira praticamente categórica, a sustentação como o contexto de atuação do marcador já nos sinaliza um possível padrão construcional para a realização da construção **veja bem** em sequências argumentativas.

A análise dos dados evidencia que, na sustentação da opinião, a construção com o MD **veja bem** ocorre, principalmente, em início de avaliação explicitamente subjetiva ou em início de narrativa fictiva, narrativa factiva, silogismo clássico e fato, em que a avaliação encontra-se encaixada na argumentação – ou seja, nosso trabalho trata, apenas, dos MAs que circundam a construção **veja bem** – isto é, dos movimentos de sustentação (APOI) e de avaliação (AVAL). Desse modo, o marcador analisado, simultaneamente, sinaliza a organização do texto, em direção à sustentação, e indexa a chamada de atenção do ouvinte para com a avaliação positiva ou negativa imbricada na argumentação.

Entendemos, portanto, que o contexto argumentativo, no qual a avaliação é comumente expressa, tende a ser o *locus* da ocorrência da construção com o marcador analisado, uma vez que fomenta leituras mais abstratas devido ao conteúdo elaborado das sentenças e às estratégias mais criativas e subjetivas do falante, o qual busca impactar e convencer seu interlocutor acerca de suas opiniões.

Referências

CASTILHO, A. de C. **A língua falada no ensino de português**. 7. ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2009.

CROFT, W. **Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective**. New York: Oxford University Press, 2001.

_____. & CRUSE, A. D. **Cognitive Linguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

DIAS, N. B.; VIEIRA, A. T.; FERREIRA, J. C. L. A interface gramática e interação: cláusulas de finalidade e construções apositivas na sustentação de pontos de vista em uma audiência de conciliação do PROCON. In: SILVEIRA, S. B.; MAGALHÃES, T. G. (orgs.). **A fala-em-interação em situações de conflito: recursos linguísticos e práticas comunicativas**. São Carlos: Editora Claraluz, 2008, p. 135-151.

GILLE, J. **Pautas argumentativas en el diálogo espontáneo: un estudio de conversaciones intra e interculturales**. 2001. 187 f. Tese (Doutorado em Linguística). Stockholm University/Department of Spanish and Portuguese, 2001.

GOFFMAN, E. Footing. (Trad. Beatriz Fontana). In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (Orgs.). **Sociolinguística Interacional**. São Paulo: Loyola, 2002 [1979], p. 107-148.

_____. **Forms of Talk**. Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 2002 [1981].

GOLDBERG, A. E. **Constructions: a construction grammar approach to argument structure**. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

_____. **Constructions at work: the nature of generalization in language**. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GONÇALVES, S.C.L.; LIMA-HERNANDES, M. C.; CASSEB-GALVÃO, V.C. (orgs.). **Introdução à Gramaticalização: princípios teóricos e aplicação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

GUERRA, A. G. **Função textual-interativa dos marcadores discursivos**. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). 2007. 233 f. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 2007.

GUMPERZ, J. J. Convenções de contextualização. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (orgs.). **Sociolinguística Interacional**. São Paulo: Loyola, 2002 [1982], p. 149-182.

GUY, G.; ZILLES, A. **Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HOPPER, P. J. **Emergent Grammar**. v. 13. California: Berkeley Linguistics Society, 1987, p. 139-157.

JUBRAN, C. C. A. S. O tópico discursivo. In: JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I.

G. V. (orgs). **Gramática do português culto falado no Brasil**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006, v. 1, p. 89-132.

MARCUSCHI, L. A. Marcadores conversacionais do português brasileiro: formas, funções e definições. In: CASTILHO, A. (org.). **Português culto falado no Brasil**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1989, p. 281-322.

MATOS, P. T. **Evidências sobre a polissemia e a gramaticalização do verbo "ver"**. 2012. 164 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2012.

OLIVEIRA, M. do C. L.; BASTOS, L. C.; PEREIRA, M. das G. Narrativas fictivas: experiência, comunidade e argumentação na fala de profissionais de uma empresa em processo de mudança. Comunicação Pessoal. In: **V Congresso Internacional da ABRALIN**, Belo Horizonte: UFMG, 2007.

RISSO, M. S.; SILVA, G. M. O.; URBANO, H. Traços definidores dos marcadores discursivos. In: JUBRAN, C. C. A. S; KOCH, I. G. V. (orgs). **Gramática do português culto falado no Brasil**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006. v. 1, p. 403-425.

ROST-SNICHELOTTO, C. A. **Olha e vê: caminhos que se entrecruzam**. 2009. 408 f. Tese (Doutorado em Linguística). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2009.

SACKS, H.; SCHEGLOFF, E. A.; JEFFERSON, G. A simplest systematics for the organization of turn-taking for conversation. In: **Language**, v. 50, 1974, p. 696-735.

SCHIFFRIN, D. **Discourse markers**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

_____. The management of cooperative self during argument: the role of opinions and stories. In: GRIMSHAW, A. D. (ed.). **Conflict talk: sociolinguistic investigations of arguments in conversations**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990, p. 241-259.

TRAUGOTT, E. C. Grammaticalization, constructions and the incremental development of language: suggestions from the development of degree modifiers in English". In: ECKARDT, R.; JÄGER, G.; VEENSTRA, T. V. (eds.). **Variation, Selection, Development: Probing the Evolutionary Model of Language Change**. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2008, p. 219-250.

_____. Grammaticalization and Construction Grammar. In: CASTILHO, A. T. de. (org.). **História do Português Paulista**. vol. 1. Campinas: Unicamp/ Publicações IEL, 2009, p. 91-101.

TOULMIN, S. E. **The uses of argument**. Cambridge: Cambridge University Press, 1958.

VIEIRA, A. T. **A dimensão avaliativa da argumentação na fala opinativa de profissionais de uma empresa em processo de mudança**. 2007. 160f. Tese (Doutorado em Letras). Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2007.

WALTEREIT, R. Grammaticalization and discourse. In: NARROG, H.; HEINE, B.

(eds.). **The Oxford Handbook of Grammaticalization**. New York: Oxford University Press, 2011, p. 413-423.

Recebido em 16 de junho de 2013.
Aceito em 04 de novembro de 2013.